

Azenha

João Paulo Racy¹

1 Mestrando em Arte e Cultura Contemporânea pelo PPGARTES/ART da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, na linha de Arte, sujeito e cidade - bolsista FAPERJ Nota 10. Pesquisa questões pertinentes à temática da habitação no contexto das cidades contemporâneas, com foco nas problemáticas inerentes às lógicas gentrificadoras que alicerçam o binômio centro-periferia, através de trabalhos que transitam entre a fotografia, o vídeo, a instalação e a escultura. E-mail: joao@joaopauloracy.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8294-6902>. Lattes iD: <http://lattes.cnpq.br/2564569022169166>. Rio de Janeiro, Brasil.



Azenha (2019-2020)

Azenha é um tipo de mecanismo capaz de aproveitar a energia cinética da movimentação das águas para desempenhar diversos tipos de funções, como moer grãos, irrigar ou drenar grandes terrenos e até gerar eletricidade. Entre seus sinônimos estão as palavras moinho e atafona, sendo este último também o nome de uma região do litoral norte do estado do Rio, que até recentemente abrigava a foz do rio Paraíba do Sul.

Graças à intervenção humana, o encontro entre o Rio e o oceano Atlântico não acontece mais em Atafona, pois cerca de 60% de suas águas são represadas para abastecer cidades no Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, fato que conjugado com a maior crise hídrica enfrentada pela Bacia do Paraíba, entre 2014 e 2019, diminuiu drasticamente o nível do rio na região, movendo a foz para a praia de Gargaú, na cidade de São Francisco de Itabapoana.

Outra característica marcante de Atafona são os efeitos que o processo de erosão costeira vem causando sobre a região. Centenas de casas já foram cobertas pelo mar, desde a década de 50, tornando a praia uma espécie de sítio arqueológico parcialmente submerso. A ação do mar sobre a costa constrói uma paisagem distópica repleta de ruínas, que evidencia uma relação violenta entre natureza e arquitetura, e segue em acelerada transformação.

As imagens apresentadas neste ensaio são desdobramentos de um projeto de longa duração, iniciado em 2019 durante um período de residência artística na Casa Duna, espaço independente de arte localizado em Atafona. Todas as imagens foram produzidas a partir de câmeras analógicas, utilizando filmes diapositivos com prazos de validade vencidos. O processo de revelação dos filmes utilizados é conhecido como E-6, que é realizado de forma não automatizada, utilizando em sua operacionalização produtos químicos cada vez mais raros no mercado. Além disso, devido à baixa demanda, cada dia menos laboratórios oferecem esse serviço, o que ocasiona um alto preço e baixa produção. Outro procedimento aplicado ao desenvolvimento do projeto é a utilização de filmes vencidos em diferentes épocas, o que amplia potencialmente a imperscrutabilidade no resultado da revelação das imagens. Com essa operação, pretendo aproximar o processo de construção do trabalho com a materialidade do lugar, através da iminência de desaparecimento que ambos vivenciam.



















Recebido em 10 de dezembro de 2019 e aceito em 10 de março de 2020.

Este é um artigo publicado em acesso aberto sob uma licença Creative Commons

